

4. 11. 58

RUBEM BRAGA

NOTAS

E AFINAL temos um Papa 'gordo e bonachão, extrovertido e alegre; estou em que isso fará bem à Igreja, depois do magro e místico Pio XII; êsse João XXIII nos parece vir da Veneza feérica de Giorgione e Ticiano, esperemos que dure muito.

O que vai acabar é o castelo dos Catão, aquêlo troço arábico, amarelo e grande ali do começo da praia de Ipanema. Direis que não é uma jóia de arquitetura e que não tem pé nem cabeça um tal arabismo no Rio; e eu vos direi que no Rio nada tem precisamente nem pé nem cabeça, e cabe um pouco de tudo; que «defronte ao castelo» era um velho ponto de encontro de namorados e amigos na praia; e que afinal de contas, como senhor de idade, eu me afeiçoô aos velhos prédios e me sinto meio afetado quando os derubam. Se eu fôsse o ex-pracinha Joaquim, derradeiro morador do castelo, daria uma grande festa mourisca de despedida, com vigoroso quebra-quebra final.

A esta altura da crônica me vem pelo telefone uma notícia ruim: morreu o «Eça». O nome dêle era Válder Garcia Lopes, mas no escritório de Oscar Niemyer, nos Marimbás e um pouco por tôda parte êle era o «Eça». Morreu de repente em Brasília e será enterrado hoje (têrça) no Rio. Era um dêsses homens entranhados em sua cidade, apaixonado pela sua vida, atento à menor minúcia da entricada política municipal, uma enciclopédia carioca de calça e paletó, e um homem bom. Meus sentimentos à sua viúva e ao seu melhor amigo, Oscarzinho, que quando teve de ir à Europa e à Rússia com sua senhora não resistiu ao gôsto de carregar também o Eça para bater papo, e que o levava há tempos para Brasília.

E paro por aqui.